

Corpos que bebem, dançam e trabalham juntos: entre os ritmos da festa e do trabalho coletivo nos Andes peruanos

Bodies that drink, dance and work together: the rhythms of celebration and collective work in the peruvian Andes

Indira Viana Caballero¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v18i35.475>

Resumo: Em Andamarca, uma *comunidad* camponesa dos Andes peruanos, as festas e o trabalho coletivo consistem em momentos de grande importância, propícios para compartilhar comidas, bebidas e esforços. O trabalho coletivo é empregado na construção de casas de adobe, limpeza e construção de canais de irrigação, caminhos e estradas. Para os andamarquinos, a realização de atividades em equipes cria uma dinâmica capaz de proporcionar uma espécie de competição positiva, além da manutenção e geração de vínculos enquanto todos estão determinados a alcançar um objetivo comum. A divisão em grupos gera *ánimo*, isto é, a força e a disposição necessárias para realizar atividades consideradas duras e pesadas. Para que tal força não se acabe, durante o trabalho é feita uma distribuição de substâncias que também produzem *ánimu* como bebidas alcoólicas e folhas de coca. O mesmo sucede nas festas, momentos em que a distribuição e o consumo de bebidas alcoólicas são fundamentais para fazer os participantes dançar, para gerar alegria e vontade de *gozar*, enfim, para criar uma determinada atmosfera ou *ambiente* característico dos momentos de celebração. Com base numa pesquisa etnográfica, este texto propõe uma breve comparação entre as festas e o trabalho coletivo, mostrando aproximações e diferenças entre esses dois movimentos, tendo em vista que o compartilhamento de esforços e de substâncias são meios fundamentais para alcançar a constituição de coletivos em ambos os momentos. Ademais, os dois movimentos implicam transformações de ordem corporal e subjetiva a ponto de moldarem não só o corpo mas também a pessoa andamarquina.

Palavras-chave: festa; trabalho coletivo; Andes peruanos; compartilhar.

Abstract: In Andamarca, a peasant village (*comunidad campesina*) in the Peruvian Andes, celebrations and collective work are moments of great significance, propitious to the sharing of food, drinks and efforts. Collective work is employed to build adobe houses, to clean and construct irrigation channels, pathways and roads. The people of Andamarca believe that the

¹ Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, Roraima, Brasil.

execution of group activities engenders a dynamics that allows for a kind of positive competition, as well as the maintenance and creation of social bonds while they are all determined to achieve a common goal. The division in groups generates *ánimo*, that is, the strength and willingness required to perform tasks considered *hard* and *heavy*. In order to ensure continued strength, substances that also produce *ánimo* are distributed, such as alcoholic beverages and coca leaves. The same happens in celebrations, moments in which the distribution and consumption of alcoholic beverages are essential to stimulate the participants to dance, to generate happiness and the will to rejoice (*gozar*), in short, to create a certain atmosphere or *ambience* that is distinctive of the moments of celebration. By means of an ethnographic research, this article proposes a brief comparison between celebrations and collective work, discussing their similarities and differences, and considering that the sharing of efforts and substances are fundamental means for the constitution of groups in both occasions. Moreover, both movements imply physical and subjective transformations that mold not only the body but also the notion of person among *Andamarquinos*.

Keywords: celebration; collective work; Peruvian Andes; sharing.

1 INTRODUÇÃO

Na entrada do Valle de Sondondo, no departamento de Ayacucho (Peru), encontra-se Andamarca, um povoado conhecido por seus magníficos e preservados *andenes* pré-hispânicos – plataformas agrícolas escalonadas distribuídas ao longo das faldas das montanhas². Um primoroso sistema de irrigação construído junto com os *andenes* é o que torna possível o cultivo de tubérculos e cereais sob o clima predominantemente seco da região, o qual dá lugar às chuvas de novembro a março, período em que a paisagem local é dominada pelo verde em contraste com os tons dourados do resto do ano. Os muros de contenção de cada *andén*, feitos de pedras, absorvem calor de dia dissipando-o à noite, contribuindo assim para a fertilização do terreno. A atividade agrícola é destinada sobretudo para o autoconsumo dos andamarquinos que costumam vender, dar ou trocar pequenas porções de suas colheitas³.

² Andamarca é nome da sede do distrito (a menor unidade político-administrativa do país) chamado Carmen del Salcedo, ou seja, é o nome do *pueblo*, o povoado, o qual está situado por volta dos 3.500 metros de altitude e conta com uma população bilíngue, falante de quéchua e de espanhol.

³ Os dados que deram origem a este trabalho foram coletados através de pesquisa etnográfica durante meu doutorado em Antropologia no PPGAS do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ]), a qual foi realizada entre 2009 e 2011, resultando em aproximadamente

Conforme alguns estudiosos, as *andenerías* de Andamarca estão entre as mais preservadas do Peru⁴, característica que se converte em atrativo para visitantes. Uma das razões fundamentais para seu excelente estado de conservação segundo os próprios andamarquinos, é que se trata de *andenerías vivas*, isto é, produtivas, uma vez que a cada sementeira e colheita elas são (re)ativadas. Esta é uma condição fundamental para que permaneçam *vivas*, ao contrário das *andenerías* de Cusco, um exemplo de patrimônio material preservado, admirado por turistas que visitam a região e, por isso mesmo, improdutivo. Esta noção de preservação dos *andenes*, a qual está associada à imobilidade, ou a uma espécie de congelamento, diverge inteiramente daquela defendida pelos andamarquinos que sempre se referem às *andenerías* de Cusco como um exemplo de *museo, solo para ver*, devido a sua esterilidade.

Portanto, manter os *andenes* continuamente produtivos é a única forma de preservá-los, sendo esse um dos estímulos principais para que a maioria continue plantando ainda que a agricultura não seja exatamente uma fonte de renda⁵, pois requer tantos gastos que muitas vezes *no conviene, no te sale la cuenta*, resultando mais barato comprar alimentos industrializados. Desse modo, nota-se que as motivações para plantar estão mais relacionadas a um modo de vida *campesino* – cuja origem remete a tempos pré-hispânicos, descrito pelos andamarquinos muitas vezes por *costumbre* – que garante a dieta e outras práticas, como a troca e o compartilhamento dos cultivos com amigos e parentes que ajudam nas lides agrícolas. Em outras palavras, plantar e colher é um dos modos de fazer e de manter relações entre

15 meses. Após esse período foram realizadas duas viagens curtas a Andamarca: uma semana em julho de 2014; e duas semanas em julho de 2016. O cerne da pesquisa girou em torno das relações entre os andamarquinos a partir de uma dinâmica de relações de “nivelamento”, cujo efeito principal se dá na não instauração de grandes desigualdades econômicas e, sobretudo, políticas entre os *comuneros*, os membros da *comunidad*. A pesquisa descreve a aversão dos andamarquinos diante da possibilidade da instauração de uma desigualdade acentuada no interior da comunidade, risco presente quando alguns conseguem, através de formas de comércio variadas (principalmente de animais e, mais recentemente, de produtos industrializados), acumular bens e dinheiro, despontando como uma pequena elite incipiente (CABALLERO, 2013a). Os temas do corpo e da noção de pessoa em Andamarca foram desdobramentos posteriores.

⁴ Ver Kendall e Rodríguez (2009) sobre o alto grau de conservação do sistema de *andenerías* de Andamarca.

⁵ Devido à pouca rentabilidade e aos grandes investimentos financeiros e de esforços que a agricultura demanda, nos últimos três anos muitas famílias estão dedicando-se mais ao cultivo de alfafa para suas próprias vacas leiteiras ou para alugar a terceiros.

os andamarquinos. Em contraste com a pouca rentabilidade que a agricultura⁶ pode conferir, está a criação de animais (*ganadería*), atividade que permite certa estabilidade econômica transformando-se também em uma sorte de poupança em caso de doenças ou qualquer urgência que se apresente. A venda de queijos artesanais é a principal fonte de renda da maioria das famílias, uma forma de ingressos regulares. Essa é a motivação para que todos os dias as mulheres, principalmente, percorram consideráveis distâncias do povoado até suas *chacras*, outro nome para *andenes*⁷, o que pode ser adequadamente traduzido por roça. *Atender* as vacas leiteiras que vivem nas roças convertidas em *alfalfares* (plantações de alfafa), principal fonte de alimento desses animais, é a tarefa que mais ocupa o cotidiano das andamarquinas. Os animais são levados diariamente até uma fonte d'água para saciarem sua sede, são também ordenhados e, logo após, ainda no campo, as mulheres dão início à confecção dos queijos. *Atender* ou cuidar das vacas é uma tarefa reconhecida como feminina – ainda que há alguns anos homens também passaram a se encarregar desse trabalho –, descrita pelas mulheres como algo semelhante a cuidar dos filhos, uma vez que tais animais possuem nome próprio, são adornados periodicamente com brincos de fitas coloridas, manifestam diferentes manhas e vontades, capazes inclusive de reconhecer a voz de quem as cuida.

Todavia há outra classe de animais que, diferentemente dos anteriores, não precisam de cuidados diários. Esse é o gado da *puna* (altiplano), tratado como *salvaje* e, portanto, *brabo*, que pode atacar e/ou escapar devido a seu temperamento arreado. Os rebanhos criados nos extensos pastos *puneños*, seja de bovinos, ovinos ou camélídeos (alpacas) vivem de forma um tanto mais livre e autônoma do que as vacas domesticadas, com maior acesso à comida e água, pastoreados geralmente por homens. Desde a perspectiva dos andamarquinos, o pastor, durante sua lide, não se esforça tanto quanto o agricultor ou aqueles que criam vacas leiteiras. Nesse sentido, o pastoreio é visto como uma atividade de *flojos*, *ociosos* (preguiçosos). O único que os pastores precisam fazer é ficar parados *solo viendo* seus animais, enquanto plantar e colher exige, de fato, demasiado esforço

⁶ Por várias razões enumeradas pelos andamarquinos, como o fato de a tecnologia empregada na agricultura ser ainda inteiramente manual, de predominarem as pequenas extensões de terra, entre outras.

⁷ Praticamente todo território fértil de Andamarca é composto de *andenerías*, assim, quando se fala em *chacras*, ou roças, estamos falando de *andenes*.

físico. Pastorear, segundo essa visão, sequer é um trabalho, enquanto a atividade agrícola é o trabalho por excelência, capaz de fazer as pessoas cansarem, suarem, se desgastarem. Criar vacas leiteiras é um trabalho porque esses animais precisam ser guiados, *atendidos, te hacen correr* (te fazem correr), e, além do mais, a ordenha e todo o processo de feitura dos queijos é igualmente trabalhoso, exigindo paciência, pois demorado, e disposição para manejar o leite em seus diferentes estados (soro e *quesillo*) sob as intempéries, uma tarefa penosa segundo as mulheres⁸. Como Andamarca possui espaços propícios tanto para a agricultura (o vale provido de água e clima mais favorável) como para a *ganadería* (a *puna* coberta de pastos), a maioria dos andamarquinos praticam ou praticaram ambas as atividades. Entretanto eles costumam se autodefinir como exímios agricultores desde tempos imemoráveis – daí sua expertise com os *andenes*, um saber fazer muito valorizado por outros *pueblos* que já o perderam e tentam resgatá-lo. Próximos de Andamarca estão outros povoados que se autodefinem como eminentemente pastoris, não dispendo de terras para plantar, o que para os andamarquinos os define como *sallqas*, palavra pejorativa que significa *salvaje, ermitaño*.

De acordo com os andamarquinos, o trabalhador é uma pessoa cheia de virtudes, pois se esforça e se *sacrifica*, ou seja, percorre os caminhos ideais para prover aquilo que necessita. Ao passo que o *flojo*, o preguiçoso, por oposição, é visto como uma sorte de parasita, alguém que vive, em alguma medida, às custas de outros, não gozando assim de autonomia suficiente para se manter, podendo usurpar, tirar de outros a qualquer momento. Dito isto, cabe destacar que, além do trabalho desempenhado pelos membros de cada família relativo a uma esfera doméstica, mais íntima, há ainda outro modo de trabalho realizado coletivamente e que, portanto, diz respeito a uma esfera pública, em que o desempenho de todos aqueles que vivem em Andamarca está em jogo. São dimensões da vida coletiva, a qual é forjada conjuntamente quando, por exemplo, todos precisam trabalhar na limpeza dos canais de irrigação porque todos farão uso de tais estruturas.

⁸ Tal percepção tem ressonância com as considerações de Belaunde (2008, p. 77) sobre a importância do “trabajo duro en la chacra, en el monte y la casa”. É através desse tipo de trabalho que homens e mulheres demonstram “que son seres humanos verdaderos”, quando estão “sudando, aguantando el dolor y el sufrimiento causados por el esfuerzo y el desgaste físico, para poder así evitar o calmar el hambre, la ignorancia e el sufrimiento de los suyos”.

A ênfase do trabalho coletivo na vida comunitária dos andamarquinos emerge como um movimento agregador, criador de vínculos e mantenedor daqueles já existentes. Outro movimento de grande importância nesse sentido são as festas, cujos participantes comem, bebem e dançam juntos. Entretanto cabe frisar que essas não são práticas restritas às festas. Durante o trabalho coletivo, no campo e nas *faenas* – espécie de mutirão muito comum na organização social de povos andinos (ISBELL, 2005) –, mascar coca, beber, fumar e comer junto, bem como estimular continuamente a alegria, são atos considerados fundamentais, sem os quais as atividades simplesmente não podem acontecer. Se, em outro momento, a comensalidade foi destacada como potencializadora de vínculos em Andamarca (CABALLERO, 2013b), veremos a seguir como o compartilhamento de coca, de bebidas alcoólicas e de esforços são também expressões contundentes na vida andamarquina e como repercutem, considerando que são ocasiões em que a ênfase recai sobre o coletivo, o qual é animado por um fluxo de forças tanto nas festas como nas *faenas*.

2 DA OBRIGAÇÃO DE RECEBER E DE SE ALEGRAR

As festas enquanto eventos extraordinários na vida da *comunidad* intercalam, de forma marcante, a rotina pacata dos andamarquinos, que se preparam com muito empenho e planejamento a cada celebração. Há as festas familiares, comemorações que reúnem parentes e amigos (casamentos, batizados, aniversários, entre outros); e as festas que agregam os *comuneros* (membros da *comunidad*) em geral, eventos maiores que os primeiros e para os quais todos estão virtualmente convidados – entenda-se andamarquinos e visitantes que quiserem participar, ainda que, durante a festa, esse ‘querer’ dos convidados não seja tão livre nem estritamente individual assim. Em todas as festividades, há algumas etiquetas que devem ser observadas pelos convidados, e outras pelos anfitriões, como veremos adiante. Durante o trabalho de campo, pude participar de inúmeras celebrações, desde grandes festas até reuniões familiares menores, por exemplo as que acontecem quando da morte de algum *comunero*, e que, embora não sejam chamadas de festas, possuem os mesmos elementos característicos (muita bebida, comida e música). Com a diferença marcante de que, nessas ocasiões, tristeza e alegria são emoções continuamente alternadas

entre os participantes – dado que choro e tristeza sempre podem aflorar em algum momento nas grandes bebedeiras.

Trataremos nessa seção das festas maiores, as quais estão estruturadas segundo o *sistema de cargos*, o qual consiste basicamente em um rodízio de *cargotes*, isto é, de pessoas que se comprometem em dar a festa, oferecendo comida, bebida e música fartamente a todos. A cada ano, ocorre a definição dos responsáveis pelos *cargos*, o que faz com que esse seja um modelo altamente dinâmico, pois a mesma pessoa não se responsabiliza pelo mesmo *cargo* mais de uma vez na vida, com raríssimas exceções. Existem *cargos* voluntários, no caso das festas religiosas, e *cargos* obrigatórios, como os da Festa da Água (*Yaku Raymi*), a maior e a principal festa em Andamarca. A obrigação, nesse caso, deriva da noção coletiva de que todo *comunero* assim como tem o direito de usar água para dar vida a seus cultivos, tem igualmente o dever de retribuir à *comunidad*. A água é vista pelos andamarquinos como um recurso coletivo, ao qual todos têm direito, logo, assumir um *cargo* nessa festa é uma forma de retribuir a esse coletivo, já que as celebrações nessa ocasião giram em torno da manutenção do poder fertilizador da água através de oferendas diversas (bebidas e outros elementos, inclusive danças).

Agosto é encarado como o início do ano agrícola andamarquino, período em que a terra está *abierta*, o que significa dizer que suas potências (benéficas e maléficas) estão mais intensas. O primeiro dia de agosto marca dito período e concentra os perigos manifestos por tais forças, não sendo recomendável sequer tocar a terra. Devido a essas potências predadoras da *Pachamama* (mãe terra), ser poderoso que anima as coisas do universo, dificilmente encontra-se alguém trabalhando no campo esse dia, considerado na prática quase um feriado. A realização da Festa da Água se dá ao longo de vários dias (entre 14 e 26 de agosto), evento que atrai andamarquinos residentes em outras partes do Peru e do mundo que fazem o possível para comparecer na maior e mais animada festa de seu *pueblo*, a que mais se *disfruta* e se *goza*, capaz de tornar a rotina pacata do pequeno povoado em dias intensamente agitados.

As oferendas ou *pagapas* (ou *pagos*) para a água e para a *Pachamama* são feitas logo no início da festa, geralmente de 14 a 18 de agosto, pelos *sectores* de irrigação que utilizam mais quantidade de água. Considera-se necessário fazer oferendas à terra com vinho, aguardente, *chicha de qora* (bebida fermentada de

milho), água corrente e incensos para defumação (*sahumada*) para que se tenha uma boa colheita. No local de cada *pagapa*, são depositados na terra, em um buraco profundo, pequeninos jarros de cerâmica feitos especialmente para a ocasião, os quais contêm todos os líquidos. Ao se depositar os jarros, se eles caírem em pé, significa *buena suerte* para a colheita; se algum deles virar e derramar o líquido, é sinal de *mala suerte*, de um ano agrícola ruim. Lembrando que em Andamarca bem como em outras partes dos Andes, a *Pachamama*, os *Apus* (montanhas protetoras) e os *ancestros* (também chamados de *abuelitos*), comem, bebem e gostam de ser lembrados. Por isso mesmo é preciso ofertar, dar a *Pachamama* no seu mês (agosto) tudo que ela gosta para que não se zangue e faça mal (*daño*) aos humanos e suas criações (animais e plantas), cuidando para se manter as boas relações com diferentes seres em um mundo que é afetado por nós e pelo qual somos afetados.

A sorte, a riqueza e a abundância, tanto das famílias como dos animais e dos cultivos depende das relações que se criam e se mantêm com esses seres, e cultivar essas relações passa diretamente pelo ato de alimentá-los, de compartilhar substâncias também com esses não humanos. Enquanto entidades ambivalentes, elas podem agir positiva ou negativamente, fazendo-se necessário reforçar e renovar os *pactos*, mostras de *respeto* e de humildade, o que nos faz recordar das oferendas dos mineiros bolivianos para o *Tío*, nome dado ao ser sobrenatural que vive nas profundezas subterrâneas, também chamado de *Diabo*, do qual depende a sorte (a vida e a riqueza) desses trabalhadores nas minas de estanho, conforme descrevem as célebres etnografias de June Nash (1979) e de Michael Taussig (2010). Do mesmo modo, as *pagapas* para a *Pachamama*, *Apus*, *ancestros* e até mesmo para a própria água, explicitam o reconhecimento de seu poder e materializam a lembrança de que a vitalidade das coisas existentes no mundo depende da cooperação entre os coletivos humanos e não humanos⁹, noção muito presente entre os andamarquinos. Os mineiros bolivianos não fazem oferendas somente ao *Diabo*, mas também às montanhas, ressaltando uma noção andina primordial que é a da natureza ou paisagem animada com quem os humanos trocam dádivas constantemente, como sublinhou Taussig (2010, p. 222): “As pessoas alimentam o corpo da montanha com dádivas e sacrifícios, e a montanha retribui com comida para todos”.

⁹ Na coletânea organizada por Rivera Andía (2014) há inúmeros exemplos etnográficos dessa cooperação entre coletivos humanos e não humanos nos Andes.

Voltando ao sistema *de cargos*, cada festa é composta por um conjunto de *cargos*, o qual possui uma hierarquia. Jovens recém-casados, por exemplo, nunca serão responsáveis pelo *cargo* máximo, mas por um cargo proporcional à posição em que se encontram no momento. Há uma gradação de *cargos* por meio da qual se percebe uma lógica que leva em conta diferentes momentos da vida dos andamarquinos: desde os solteiros e recém-casados, a quem corresponde os *cargos* menores, até os casais que já alcançaram suficientes condições (idade madura, bens, filhos adultos, já passaram *cargos* menores), os aspirantes ao *cargo* máximo¹⁰. Na Festa da Água, o *cargo* que ocupa o topo da hierarquia é o *mayor de danzantes*, anfitrião responsável pela principal atração da festa: os *danzantes de tijeras*¹¹, cuja dança em si é uma oferenda. Essa é uma obrigação exigida àqueles que usam maior volume de água para regar e, de acordo com um princípio de proporcionalidade, devem retribuir na mesma medida, responsabilizando-se pelo *cargo* mais importante e mais caro.

O *comunero* que reúne todas as condições e ainda não assumiu um *cargo* correspondente tem chance de ser apontado diante de todos nas assembleias, espaços onde se definem assuntos referentes à vida coletiva. Para recusar, a pessoa indicada precisa de uma boa justificativa: doença grave na família, morte recente da esposa/filho/pais, devendo também realizar uma previsão do cumprimento do seu compromisso. Idealmente, trata-se de um constante concentrar e distribuir ao longo da vida; quando se alcança mais um nível da hierarquia social, considera-se que já é momento de assumir outra obrigação, até alcançar o topo dos *cargos*. Mesmo que o candidato não tenha recursos materiais para *pasar* o *cargo*, apesar de ter idade, pode ter uma rede de familiares que o ajudarão a cumprir tal responsabilidade: compadres, padrinhos, pais, irmãos, primos, tios. Assim, os parentes lhe darão em *ayni* – palavra quéchuá que significa retribuição,

¹⁰ Trata-se de um “estímulo acumulativo” ao longo da vida dos andamarquinos ao qual Ossio (1992a) se refere em sua tese. O autor discorre sobre o “grau de madurez social” dos indivíduos, noção vinculada à ideia de “ciclo de desenvolvimento dos *comuneros*”. Seguindo esse movimento os indivíduos engrenam numa competição saudável, positiva, a qual é a base da vida social, “um estímulo poderoso para que esses mostrem suas habilidades acumulativas e persuasivas e, conseqüentemente, seu grau de madurez social” (OSSIO, 1992b, p. 263; tradução minha).

¹¹ A *danza de tijeras* é originária dos departamentos de Ayacucho, Huancavelica, Apurímac e norte de Arequipa, no sul dos Andes Centrais do Peru. O *danzante* desempenha sua performance sozinho ao som de violino e harpa, manuseando com a mão direita uma tesoura que é um instrumento musical idiofônico cujo som é produzido pelo choque das duas folhas. Essa dança é um ritual propiciatório para o bom desenvolvimento do ano agrícola (ARCE SOTELO, 2006).

intercâmbio recíproco, ajuda mútua, reciprocidade (GOSE, 2001; ALLEN, 2008; ISBELL, 2005) –, ou seja, que os parentes vão dar, esperando uma retribuição no futuro, quando cada um deles tiver uma obrigação semelhante. Esses familiares e amigos mais próximos também podem *ayudar* ou *apoyar* com um dos requisitos importantes para a festa, invariavelmente música, comida e bebida; ou, ainda, podem ajudar a fazer os preparativos necessários – conseguir lenha para cozinhar, matar animais, fazer a comida (cortar e descascar uma infinidade de legumes, cozinhar e servir os convidados). A realização dessas tarefas é algo que se espera dos parentes e amigos mais próximos e também daqueles que já foram ajudados em eventos semelhantes, e que estarão apenas retribuindo o apoio que já receberam. São obrigações implícitas, que cada um deve tratar de cumprir se quiser consolidar e reforçar suas relações. Dar uma festa implica mobilizar um considerável contingente de pessoas por vários dias para que, assim, seja possível executar tarefas extenuantes, *trabajosas*, as quais envolvem também custos altos.

Com efeito, *pasar* um *cargo*, além de *cumprir* com uma obrigação, questão de honra e reputação, é também a oportunidade de ganhar muito prestígio entre os *comuneros*. Tudo depende se o *cargante* será considerado bom anfitrião, e para que isso aconteça é necessário que haja bons músicos e dançarinos, fartura de comida e bebida. Esse conjunto de elementos que caracterizam as festas de forma geral indicará se tal pessoa é *tacaña* (mesquinha) ou se *pasó bien* seu *cargo*. O bom anfitrião é conhecido como *allintampito*, palavra quéchua que designa aquele que recebe bem, que oferece com fartura, *sin medir* comida e bebida (sem controlar, sem mesquinhar). O pior anfitrião é aquele que *tiene y no quiere dar*, a pessoa que mesmo possuindo recursos não aceita nenhum *cargo* ou, mesmo que aceite, se empenha para gastar o mínimo possível – o lado negativo do sistema de *cargos*, segundo os andamarquinos, é que ele *no te deja progresar*, não permite a acumulação, pois tudo que foi economizado durante anos terá de ser gasto com a festa. Voltando a sublinhar o *ayni* em seu sentido mais amplo como um princípio central nas sociedades andinas (GOSE, 2001; ALLEN, 2008; ISBELL, 2005), dar e compartilhar são atitudes sempre vistas como positivas, enquanto que exercer o movimento contrário, não dar, reter, acumular, guardar para si, ser avaro, é muito mal visto, tanto como ser ambicioso, desejar em excesso (CABALLERO, 2013b).

Em Andamarca, a comensalidade aparece como um momento criador de intercâmbios, seja no compartilhamento repetido e recíproco do cotidiano, inclusive

no trabalho no campo, seja durante as festas, momentos extraordinários de grande importância no que se refere à construção de laços e aprofundamento de vínculos (BELAUNDE, 2001; 2008; OVERING, 1999). À diferença da comensalidade diária, os momentos festivos são mais formais. Deve-se aceitar o oferecido de qualquer forma; caso não seja do desejo do convidado consumir imediatamente, é possível levar sua porção para casa. Para recusar, a pessoa deve ter alguma boa razão (doença ou mal-estar físico, ou haver recebido o convite imediatamente após uma refeição) que justifique sua exclusão do momento em que todos comerão juntos. Não se pode simplesmente recusar o oferecido, é preciso *recibir* o que é dado (*hay que recibir*). Um andamarquino jamais recusa comida, e os forasteiros devem fazer o mesmo. Da mesma forma que um anfitrião pode zangar-se com alguém que recusa a comida que lhe é oferecida, também pode incomodar-se com os convidados que não dançam e não bebem, dizendo que está gastando *por gusto* (em vão) com músicos e bebidas. Por um lado, o anfitrião tem que convidar e oferecer, por outro, os convidados têm que aceitar o que lhes é oferecido. Trata-se de uma etiqueta, logo, de uma expectativa sobre o comportamento de ambas as partes, não apenas do anfitrião, mas também dos convidados que “*deben alegrarse y bailar, tomar para ponerse aún más alegres, deben llenarse de comida, o sea, deben aceptar de todo dejándose llevar por los ritmos de la fiesta y a penas acompañarlos, sin ofrecer resistencia*” (MURGUÍA, 2014, p. 121).

É precisamente esse o esforço dos convidados, que ainda que não sintam desejo de comer, beber ou dançar, terão que fazê-lo de alguma forma, pois não se trata somente do seu querer, como mencionado acima, mas de uma espécie de vontade coletiva que deve predominar nesse momento. Assim, os anfitriões e seus ajudantes devem fazer com que os convidados comam, bebam e dancem (costuma-se dizer que nas festas *te hacen comer/beber/bailar*). Se a pessoa resistir ao que lhe é oferecido, se ela não deseja realizar o esforço necessário para estar na festa, sequer deve participar. Assim dizem os andamarquinos que já não estão dispostos a beber quando de fato não desejam, ou a dançar quando realmente não estão alegres; embora uma vez ou outra seja possível usar de alguma artimanha para escapar das obrigações do convidado. A experiência de beber e dançar junto nas festas é em si uma forma de (re)fazer relações, momentos muito valorizados pelos andamarquinos que gostam de enfatizar que *hay que vivir la fiesta, hay que gozar*. Esta é a razão da festa: viver um evento extraordinário, beber e dançar

excessivamente, fazer o corpo desgastar-se de outra forma que não através do trabalho. Dançar com vontade, expressando movimentos vivazes e empolgação, sapatear no ritmo da música, cantar e, talvez, se emocionar são atitudes esperadas, ou seja, todos devem se entregar aos ritmos da festa, exatamente como se refere Murguía (2014). Ou, ainda, como diria Taussig (2010, p. 323) sobre as festas, trata-se de “um momento de transgressão autorizada envolvendo consumo e doações excessivos, momento de desperdício e desprendimento”.

A importância das bebidas alcoólicas reside, em parte, na gestão dos humores e das emoções dos convidados, por ser uma substância que ajuda a liberar as “expresiones de dolor o de alegría”, caracterizando-se como “un acto que fundamentalmente expresa lazos sociales” (ALLEN, 2008, p. 180). Cientes disso, as *despenser*, senhoras encarregadas de servir as bebidas, distribuem entre os convidados *quemadito* (bebida quente que tem como base uma bebida destilada que vai ao fogo junto com uma mistura de ervas, cascas de frutas e outros temperos aromatizadores) ou *cañazo* (destilado de cana-de-açúcar), alternando com *chicha de qora* (bebida de milho bem pouco fermentada, não chegando a ser considerada uma bebida alcoólica), esta última capaz de alimentar e, por isso, de auxiliar na modulação dos efeitos do álcool. As *despenser* acompanham os convidados onde quer que eles estejam, visto que uma marca importante das festas é seu caráter móvel, possuindo liberdade para se deslocar. Com isso, destacamos que não raro podemos encontrar a casa do anfitrião vazia durante a festa, sinal de que ele, seus convidados e seus músicos saíram para visitar seus *compadres*, ou para cantar e dançar pelas ruas de Andamarca ou, no caso das festas de *cargos*, para ir à casa de outro anfitrião – essas festas possuem vários anfitriões, pessoas que *pasam* diferentes *cargos*, o que acaba resultando numa grande festa, a qual é composta por um conjunto de festas menores e que, ao se encontrarem na praça central e em outros lugares, expressam sua magnitude.

Com suas chaleiras em mãos, garrafas e copos, as *despenser* vão atrás da festa repartindo *animu* entre todos. Cada pessoa é servida por vez em copos de vidro que são compartilhados por todos; o convidado deve beber todo o líquido sem se demorar muito enquanto a *despenser* aguarda. A tentativa de evitar ingerir toda a bebida sempre existe por parte daqueles que resistem à *tomadera* (bebe-deira), porém o papel dessas senhoras é também o de supervisionar, digamos, se o convidado tenta trapacear guardando parte do líquido na boca para cuspir

assim que ela se dirigir a outra pessoa. E, mesmo quando achamos que passaremos despercebidos em meio a tantos convidados, somos surpreendidos com os convites dessas discretas senhoras. Através da ingestão das bebidas alcoólicas, vai-se estimulando progressivamente a animação da festa, mas certos convidados são obrigados a se animarem mais, como é o caso dos anfitriões, que devem ser constantemente servidos. Uma prerrogativa presente igualmente nas festividades no campo (semeadura e colheita), em que o trabalho possui certa ênfase na primeira parte da celebração. Depois que todos trabalharam e comeram juntos, devem compartilhar bebidas alcoólicas abundantemente. A celebração culmina com a embriaguez obrigatória dos donos das roças, protagonistas que têm que se divertir após o esforço de coordenar inúmeros preparativos.

Nas festas maiores, como a Festa da Água, momentos em que se formam enormes rodas ou *redondelas*, com dezenas de participantes que dançam intensamente variações de sapateados andinos, tampouco é aconselhável rechaçar bebidas alcoólicas. A bebida deve passar por todos, sendo servida também em um único copo, devendo fazer a *volta (dar la vuelta)* e não saltar (*no saltar*) ninguém, ou não deixar ninguém de fora; assim todos são convidados e vão sendo contagiados pelos ritmos da festa, mostrando-se mais e mais alegres a cada *vuelta*, estado de ânimo que deve ser expresso também pela forma de dançar. Todas as danças coletivas devem ser executadas com vigor, animação e força, sendo um requisito para se dançar bem, o que se nota através do ritmo e da marcação dos passos, do movimento vivaz dos braços, da alegria esfuziante. Tudo isso reveste de beleza a dança e seus dançarinos que, ao notarem um mínimo desânimo entre os participantes e, com isso, a chance de que seu desempenho se afaste de uma dança bonita e admirável, tratam de se reanimar. Um deles, então, grita sonoramente: *¡Aire, aire!* Ao ouvirem a exclamação todos devem imprimir vigor e alegria em seus movimentos e, se for o caso de demonstrar muita potência e disposição, grita-se: *¡Chaki, chaki!*¹² Este é o comando para que todos iniciem um sapateado golpeando com força o chão, como se descarregassem instantaneamente parte de suas vitalidades a cada passo, seguindo a cadência imposta pelas cordas da harpa e do violino. Finalmente, quando a intenção é renovar as forças, grita-se logo após o término de uma música: *¡Pisto, pisto!*¹³ Imediatamente aparece alguém

¹² *Chaki* significa pé em quéchua.

¹³ Traduzido pelos andamarquinos por "combustível".

com uma garrafa de bebida alcoólica e copos para distribuir aos dançarinos que, em seguida, estarão reanimados.

Voltando ao ato de recusar, cabe ressaltar que, na compreensão dos andamarquinos, a recusa de comida e bebida é claramente sinônimo de *desprecio* (desprezo), uma recusa à interação, à possibilidade de retribuição, ou à possibilidade de criação de relação (CABALLERO, 2013b)¹⁴. Em oposição, o ato de oferecer é visto como um gesto de *cariño*, ou, mais ainda, uma atitude inclusiva, uma vez que de fato o convidado tem a chance de compartilhar algo com aquele que lhe oferece. Se *no se puede* recusar, tampouco se pode deixar de oferecer, ou de convidar. Tais noções vão exatamente na mesma direção do que já afirmara Mauss (2003, p. 201-2) no seminal *Ensaio sobre a dádiva*: “Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão”. Pois bem, pode-se dizer que é disso que se trata para os andamarquinos quando se convida/aceita: uma possibilidade de aliança e de comunhão com os demais. Toda pessoa presente deve ser convidada para comer e para beber, é um costume (*costumbre*) que os andamarquinos dizem ainda preservar diferentemente de outros *pueblos* da região onde mais recentemente pessoas desconhecidas são automaticamente excluídas de tal comunhão. Até para as celebrações familiares todos estão virtualmente convidados, como é o caso do *Pito*¹⁵, uma festa que ocorre no campo na época da sementeira do milho e que expressa bem o lugar do trabalho realizado com alegria, daí seu tom festivo perceptível pelo preparo de bebida especial, bandeirolas coloridas que enfeitam os animais, visitas que ajudam com o trabalho. Qualquer pessoa que esteja passando perto, seja vizinho, amigo ou visitante será recebida da mesma forma. Cabe a esse oferecer algo em contrapartida, preferencialmente uma garrafa de bebida alcoólica e um par de flores grandes para o casal dono da chácara, que as colocam no chapéu sinalizando a ocasião festiva. Mas se a pessoa nada dispuser será igualmente recebida, devendo aceitar tudo que lhe oferecerem, assumindo o compromisso implícito de retribuir no futuro.

¹⁴ A recusa de comida é uma atitude negativa também porque pode fazer com que a comida não volte mais para aquele que a rejeitou (ver PEÑAFIEL, 2015); de certa forma pode-se dizer que recusar a comida é recusar a sorte.

¹⁵ *Pito* é o nome da bebida de consistência pastosa que resulta da mescla de *chicha de qora* com *machka* (farinha fina de cereais variados, açúcar e canela) preparada especialmente para a celebração que recebe o mesmo nome.

Nota-se, entre os andamarquinos, atitudes que expressam uma ênfase na perspectiva inclusiva, segundo a qual todos são sempre considerados; sendo assim, recusar ou não receber significa excluir-se, um movimento contrário ao movimento predominantemente desejado. Isso nos remete à perspectiva que se tem do outro nos Andes, pois uma mesma pessoa ou grupo pode ser vista ora como “*nós*”, ora como “*outro(s)*”. Esse pertencimento circunstancial e relativo da pessoa, expressa a necessidade e a complementaridade do outro¹⁶. Um exemplo da possibilidade de transformação em ‘de dentro’ e ‘de fora’ é a penalidade máxima prevista nas regras da *Directiva Comunal*. Aquele que cometer uma falta considerada gravíssima receberá uma sanção proporcional: deixa de ser *comunero*, perdendo todos os seus direitos – por exemplo, receber água para irrigação. Contudo vale ressaltar que para ser um *comunero* é preciso cadastrar-se nessa espécie de associação de moradores que é a *Directiva Comunal*, e, para que se tenha acesso a esse direito, é preciso ter vivido pelo menos dois anos em Andamarca, ao longo dos quais, conforme o entendimento dos andamarquinos, a pessoa conviveu com outros sobre o mesmo território, sob o mesmo céu, compartilhando a mesma água, alimentando-se dos frutos da terra andamarquina – e, assim, tornando-se composta por esses elementos, sem os quais seria impossível sobreviver. Além do mais, a participação das atividades coletivas (festas e trabalhos) é outra forma de construir relações com lugares e pessoas de Andamarca. A primeira condição, portanto, é tornar-se parte da *comunidad* de fato, depois de direito, *status* que formaliza direitos e deveres. Daí ser possível dizer que este é um movimento na direção da familiarização que possibilita que outros, segundo tais condições, possam (des)tornar-se *comunero* – à semelhança do que Overing (1999, p. 90) observa entre os Piaroa na Amazônia sobre a prática cotidiana, o processo da vida comum, que vai fazendo com que os membros de uma comunidade vão “se tornando de mesma natureza”, ou, similares.

3 DA OBRIGAÇÃO DE DAR E DE SE ESFORÇAR

Passemos brevemente à organização espacial do território de Andamarca a fim de compreender um pouco mais a respeito das *faenas*, um método de trabalho pré-hispânico, excelente exemplo do que gostaria de destacar neste texto

¹⁶Sobre esse tema ver Ortiz Rescanière (1993).

acerca do trabalho coletivo. O povoado em si está dividido em quatro bairros: Pata (oriente) e Tuna (ocidente), Ccarmencca (sul) e Antara (norte); e o distrito¹⁷ possui três *anexos* ou pequenas vilas: Chiricre, Huaccaracca e Huayllahuarmi. A divisão em metades também se dá no âmbito do território do distrito: o rio Negromayo corta o vale dividindo-o em uma margem oriental, alimentada pelo rio Vizca; e uma margem ocidental, alimentada pelo próprio Negromayo. Todas essas unidades, os *sectores* da *puna* – as terras próprias para o pastoreio – ou os *sectores* do vale – as terras próprias para a agricultura e criação de vacas leiteiras –, assim como os bairros, possuem um presidente e um comitê (vice-presidente, secretário, tesoureiro, suplente), encarregados de questões administrativas, eleitos periodicamente. A importância da divisão em partes está relacionada à capacidade de organização dos andamarquinos para diferentes fins. No caso de *faena* por bairros, ou seja, um dia de prestação de trabalho coletivo e não remunerado para a *comunidad*, os presidentes dos bairros são os responsáveis por recrutar os *comuneros*, organizar e fiscalizar o trabalho. Cada unidade é uma equipe e as tarefas a serem executadas são distribuídas entre os membros de cada equipe.

As *faenas* mobilizam a todos os que vivem em Andamarca configurando-se como eventos ideais para se realizar grandes empreendimentos em benefício de um coletivo, seja da *comunidad*, de um bairro ou de um *sector*. Fazer *faena* é uma obrigação dos *comuneros* para com o coletivo e uma forma de obter seus direitos: *El que trabaja tiene derecho*. Enquanto aqueles que não cumprirem com suas obrigações recebem sanções estipuladas coletivamente e podem, ainda, perder parte de seus direitos. Um membro de cada família (casal e filhos) deve comparecer à *faena*, caso não seja possível, deve-se pagar alguém para cumprir a obrigação. A contrapartida das autoridades é proporcionar *chicha*, coca, bebida e cigarro a todos os que estão trabalhando. Devido ao entendimento de que a pessoa vai se constituindo não apenas no sentido moral, mas também físico a partir dos elementos naturais locais (a água, o ar, a terra uma vez que necessita se alimentar) é que todos devem contribuir através de seus esforços com algumas benfeitorias locais. Desse modo, como moradora de Andamarca por alguns meses, me senti motivada a participar voluntariamente de algumas *faenas* – o que foi encarado pelos demais como algo positivo –, experiência que me permitiu

¹⁷ Lembrando que distrito é o menor território político-administrativo do país.

compreender a importância de trabalhar junto como um meio para a criação e a consolidação de relações com os demais moradores.

No início de uma *faena* cada participante recebe um punhado de folhas de coca, um cigarro e um pouquinho de bebida, elementos essenciais para as oferendas à *Pachamama*, *Apus* e *ancestros* com o propósito de que tudo corra bem durante as atividades (*para que te vaya bien*), da mesma forma que são feitas durante a sementeira para que os cultivos floresçam e se desenvolvam devidamente. Depois disso todos estão aptos a começar o trabalho, via de regra *pesado*, atividades que demandam resistência, força e fôlego – como carregar areia e pedras para a construção de canais. As tarefas consideradas mais *pesadas* são sempre destinadas aos homens. Nos intervalos para descanso, uma senhora serve uma pequena porção de bebida alcoólica a todos. É o momento da *miskipa*, substantivo derivado de *miskipar*, verbo que significa consumir aquilo que é *miski*, ou seja, gostoso, e as substâncias que reestabelecem a força e o vigor para seguir trabalhando são consideradas *miski* (coca, cigarro, bebida alcoólica). Beber durante as *faenas* é algo esperado, sobretudo porque a própria bebida é chamada de *ánimu*, que significa a força vital de tudo que é animado – um componente da pessoa segundo Spedding (2008), semelhante à alma, mas, ao mesmo tempo, diferente, pois a pessoa andina é composta de corpo, alma e *animu* (*ajayu*). À semelhança do que vimos nas festas, a bebida alcoólica é um líquido que anima fazendo com que o corpo torne-se mais estimulado para o trabalho desde que bem dosado nessas ocasiões. Para os andamarquinos, o álcool é uma substância que dá coragem, força, tira o medo, fazendo a pessoa perder a *flojera* (preguiça), a insegurança ou a dúvida, além de revigorar e repor o vigor físico. Contudo embriagar-se até cair durante as *faenas*, impossibilitando o trabalho, não é um comportamento aprovado pelos demais ainda que eventualmente suceda. Se esses momentos se transformarem em *tomadera*, o trabalho não *avanza*, sendo as festas os momentos propícios para as bebedeiras coletivas. Não obstante, depois de encerrada a *faena*, aqueles que ficaram *picados* – estado que indica que a quantidade de álcool passou ligeiramente do ideal, fazendo com que a pessoa tenha vontade de beber mais – seguem bebendo juntos em algum lugar, conduta que não parece incomodar os demais¹⁸.

¹⁸ Beber sozinho é uma conduta reprovada socialmente; beber demanda interação social, assim,

Já a coca, substância muito poderosa, possui um papel “explícitamente dialógico con múltiples seres sujetos del cosmos” segundo Flores (2016, p. 144), isto é, permite que os humanos se comuniquem com seres de outros mundos¹⁹. O caráter mediador da folha, a qual conecta humanos e outros seres, reforça também os nexos entre aqueles que mascam coca juntos – da folha se extrai seu sumo lentamente, não sendo engolida –, compartilhamento compreendido como sinal de amizade e cooperação. Essas são algumas das capacidades da planta, de comunicar e de produzir comunhão, para as quais nos chama atenção Catherine Allen (2008) em sua extraordinária etnografia sobre as formas como a coca é compreendida pelos habitantes de uma comunidade andina peruana. A mastigação de coca consiste, sobretudo, em um “modo de vida”, e pessoas de verdade, ou “personas reales”, mascam coca, o que significa “afirmar valores y actitudes; hábitos de la mente y del cuerpo” (ALLEN, 2008, p. 20), além de “una invitación a la interacción social” (ALLEN, 2008, p. 154).

Uma característica fundamental do trabalho coletivo é a jocosidade, expressa através de brincadeiras do tipo *bromas rojas*, literalmente brincadeiras vermelhas, no sentido de safadas, picantes. Ao rir e brincar, o trabalho torna-se mais leve, menos *pesado*, não sentindo-se tanto o cansaço. Desse modo, resulta no momento oportuno para *fastidiar* alguém, incomodar no sentido de zombar, fazendo com que a atividade encarne um misto de diversão e trabalho, transformando tais empreitadas em lides menos *fastidiosas*, *aburridas*, as quais, porém, não deixam de ser vistas como trabalho. Com esse objetivo, é importante que a *faena* esteja repleta de participantes para que as tarefas sejam distribuídas entre todos, não se tornando demasiado cansativas e impossíveis de serem concluídas. Os mais velhos, inclusive, relembram o tempo em que as *faenas* eram inevitavelmente acompanhadas de música (bumbo e flauta pan) como as festas, algo um tanto menos frequente na atualidade. Ainda que certa porção de alegria seja desejada, essa deve emergir na medida em que aquece o trabalho, contribuindo para que a empolgação dos participantes seja crescente, semelhante ao ritmo que vai sendo

supõe-se que aqueles que bebem sozinhos estão doentes (deprimidos ou alcoólatras).

¹⁹ A coca é usada nas terras altas sul-americanas de várias formas rituais, principalmente para curar e adivinhar o futuro. Nesse último caso, a leitura da coca é realizada por especialistas (“*curanderos*”, “*chamanes*”, “*brujos*”, “*médicos*” etc.) e também por pessoas comuns nas suas rotinas – ver mais em Flores (2016) e Allen (2008).

marcado durante as festas. Embora as *faenas* contenham características festivas a ponto de se imbricarem com as celebrações em determinados momentos, o objetivo maior desse coletivo é a realização e a conclusão de tarefas árduas que se busca fazer com certo prazer para que se tornem mais amenas e, portanto, exequíveis. O riso e a alegria favorecem o trabalho em seu conjunto, gerando certo grau de excitação que estimula positivamente o ritmo das atividades.

Uma *faena* épica desde minha chegada a Andamarca aconteceu em setembro de 2010, também a maior de que já participei²⁰. A comunidade em peso atendeu ao chamado das autoridades locais *por necesidad* devido ao problema da seca que afetava a toda a população, o qual era resultado de uma reforma dos canais de irrigação. Essa *faena* tinha como objetivo abrir uma estrada no campo onde não havia nada além de mato, pedras e cactos, iniciativa que permitiria a passagem de caminhões de areia até os locais de reconstrução dos canais, transporte até então feito somente com tração animal. Uma tarefa desafiadora, que incluía tirar pedras do caminho, independente de seu tamanho; aplanar terrenos com pás e rastilhos; cortar e queimar cactos e arbustos; empreitada que lembrava as obras dos antepassados como a construção das *andenerías*. Todos estavam demasiado empenhados no combate à seca, devidamente armados de rastilhos, pás, enxadas, picaretas etc., mobilizados pelo som de bumbo e flauta pan, elementos fundamentais nas *faenas* no passado, praticamente um “símbolo do trabalho” conforme os mais antigos, quando trabalho e festa eram dimensões ainda menos diferenciadas.

A movimentação começou com os presidentes dos bairros gritando: *¡Barrio Tuna, aquí!*. Do mesmo jeito, fizeram os outros três. Cada bairro era responsável por um *tramo*, um trecho da estrada. Tuna começou com o primeiro, o seguinte foi atribuído a outro bairro, e assim por diante até recomeçar a ordem. Os homens, em grupos de oito a dez, forcejavam com pás e picaretas limpando o terreno; ao mesmo tempo iam desenhando a primeira parte da estrada, cobrindo buracos, tornando trechos desnivelados em uma superfície levemente íngreme e suficientemente larga. As mulheres emparelhavam o terreno com rastilhos; outras equipadas

²⁰Trabalhar junto é algo extremamente importante para os andamarquinos e valorizado por eles. Participar de uma *faena* de forma voluntária, como era o meu caso, foi algo que me permitiu não apenas conhecer mais pessoas, mas estreitar laços com outras que já conhecia, além de uma excelente oportunidade de ganhar o respeito da *comunidad*, principalmente dos mais velhos.

com serrotes e tesouras cortavam e arrancavam arbustos e cactos gigantescos de outro trecho numa velocidade assustadora. Às vezes alguém gritava: *Tesoura, tesoura! Alavanca!* (dispositivo usado por quatro ou cinco homens para moverem pedras muito grandes) *Barreta!* O mais próximo que tivesse a ferramenta requisitada em mãos atendia o chamado.

Mesmo o trabalho mais pesado, aparentemente impossível de ser executado sob o sol forte, parecia absolutamente exequível para homens e mulheres determinadas, que se mostravam incansáveis. Exatamente como alguns andamarquinos já me haviam dito: o povo de Andamarca *¡cuando se decide, se decide!* Em outras palavras, ninguém os detém, demonstrando determinação de sobra. Todos pareciam um pouco engenheiros e arquitetos, fossem homens ou mulheres, sabiam exatamente como proceder, traçando os desenhos da estrada e decidindo coletivamente como fazer. Tudo era realizado de forma sincronizada, por vezes parecendo executar-se uma coreografia. Os homens que tentavam deslocar uma pedra imensa, por exemplo, batiam todos ao mesmo tempo com a picareta no chão e, ainda quando tal gesto não coincidia, havia certa ordem e sincronia: primeiro um, depois o seguinte e assim por diante. Atrás deles, havia quase o mesmo número de mulheres esperando que eles concluíssem sua parte para imediatamente *igualarem* a terra com seus rastilhos.

Da mesma forma, durante a sementeira, nota-se a força de certo ritmo que vai predominando na realização das tarefas coletivas. As mulheres, nesse caso, depositam as sementes na terra enquanto os homens, geralmente uma dupla, assumem o papel de aradores, um deles guiando os touros e o outro empurrando o arado. Quando o estoque de sementes termina, é preciso reabastecer as mantas rapidamente, de preferência uma de cada vez, de modo que o trabalho não seja interrompido. Ao participar da atividade, é possível perceber que sua execução possui um ritmo bem marcado, demandando também sincronia e agilidade da equipe, sendo fundamental que o apoio entre os participantes seja recíproco. Caso contrário, o trabalho *no avanza*, o que de forma alguma é desejável. Aqueles que ajudam ou apoiam familiares, parentes ou amigos, podem receber como retribuição uma pequena parte da colheita pelo seu esforço. A ideia de que dar é uma conduta positiva também está relacionada com uma certa noção de sorte na produção familiar. Conforme chama atenção Bugallo (2014, p. 361), para que os cultivos cresçam e amadureçam como deve ser, é preciso *“saber compartir*

e invitar parte de las producciones logradas". O ato de compartilhar garante a multiplicação (*multiplico*) das famílias, animais e plantas, contribuindo para que a sorte também se multiplique.

O trabalho coletivo possui um lugar central na construção desse coletivo que os andamarquinos chamam de *comunidad*. A potência derivada desse encontro entre *comuneros*, resultando numa reunião de forças canalizadas para a criação de obras coletivas, digamos, é muito semelhante à potência dos encontros quando a finalidade são os protestos. Essa força das *faenas* já era destacada no trabalho literário do escritor e antropólogo José Maria Arguedas, no célebre romance "Todas las sangres", onde a *faena* se converte em um meio de mobilização da resistência dos camponeses indígenas na região andina do Peru (MOORE, 2003). A notável descrição do trabalho dos *comuneros* nesse romance ressalta a dimensão organizativa da *faena* convertida em fonte de resistência. Para Moore, José María Arguedas consegue mostrar a importância das autoridades indígenas que aparecem como meio que torna possível que os *comuneros* se organizem e se apresentem como "uma frente unida ante seus adversários" (MOORE, 2003, p. 159). Desse modo, segundo a autora, um ponto importante do trabalho de Arguedas é a relação que se apresenta entre a terra trabalhada e sua defesa. O escritor faz emergir uma linguagem indígena de resistência arraigada na defesa da terra e do trabalho como metáfora da resistência contínua, ressalta a autora. Tal relação percebida de forma sagaz por Arguedas revela uma dimensão poderosa desses coletivos, cujas ações podem ser tão potentes na medida em que são irrefreáveis, e, podemos agregar, na medida em que os *comuneros* "transcende(m) sua posição individual" ao estarem imersos nesse coletivo (MOORE, 2003, p. 230).

No dia a dia, percebe-se que a divisão em partes é o que torna possível uma competição positiva, semelhante àquela presente na dinâmica dos jogos esportivos, capaz de engendrar *ánimo*. Sem esse princípio dinamizador, estimulante ou 'animador', seria difícil realizar diversas atividades como abrir caminhos e estradas, construir e limpar canais de irrigação. Como mostra o mito que Juan Ossio (2006) extrai do estudo de Salvador Palomino (1984) sobre a comunidade de Sarhua, revelando o que o autor caracteriza como um traço das cosmologias andinas. Quando todos eram iguais e não existiam *ayllus*²¹ não havia "*ánimo*"

²¹ De acordo com Allen (2008, p. 159), ayllu "en su definición más general, es un grupo de indi-

para trabalhar até que os homens pensaram em se opor uns aos outros, e a autoridade os dividiu. Com a divisão, foi introduzido “un estímulo para el trabajo pues permitió la competencia, que unos rivalizaran con los otros y se acelerara el trabajo” (OSSIO, 2006, p. 48). Cria-se, assim, uma competição positiva, princípio fundamental uma vez que aquece o trabalho.

É preciso ainda destacar que, nas *faenas*, todos dão uma porção de si através de seu suor conforme se esforçam, em favor do coletivo da mesma forma que nas festas – coletivo que deve ser entendido de forma ampla, incluindo também *Pachamama*, águas e montanhas, animais e plantas etc. Ademais, pode-se ver o próprio gesto de fazer/distribuir *chicha* e comida como uma forma de dar parte de seu corpo através de seu esforço²². Em ambos os casos, trata-se de uma forma de devolver, de retribuir as forças que foram tomadas, algo semelhante ao ato de passar um *cargo* na Festa da Água, por exemplo, uma retribuição daquilo que a pessoa precisou usar, tomar uma parte, nesse caso a água, para poder constituir-se a si mesmo e aqueles que cria. Assim, pessoas vão constituindo seus corpos através dos movimentos que compreendem a festa e o trabalho coletivo; e também pela absorção das substâncias que vão compartilhando nesses momentos e em suas rotinas. As *faenas* e as festas reforçam as relações entre esses, sendo capazes ainda de fundarem relações ou até de desfazerem as que já existiam. Esse seria o caso da pessoa que não se esforça para ajudar a outros, que evita comer e beber com os demais, que é sovina ou ambiciosa, enfim, que age de forma a caracterizar um comportamento egoísta. Ainda que brevemente, vale lembrar que a própria noção de pessoa andina segundo Spedding (2008, p. 98), está estreitamente relacionada com o entendimento de que o “individuo nunca actúa de manera totalmente separada de las personas más cercanas a él”²³. Pessoas

víduos que constituyen un cuerpo social em torno a un lugar, un ancestro o una tarea que les proporciona un foco de unidad”. Esse conceito pode ser mais cuidadosamente discutido, inclusive a própria autora ressalta sua complexidade e apresenta um longo desenvolvimento a respeito. Não obstante, essa definição por ora é suficiente para o entendimento do argumento em questão.

²² Do mesmo modo que sugere Belaunde (2008, p. 98), ao dar de beber *masato* (bebida fermentada de mandioca muito comum na amazônia peruana) “la mujer da de beber su propio cuerpo, que nutre, da fuerza, alegría y emborracha a los demás”.

²³ A autora diz, ainda, que a “persona que se encuentra en esta red de acciones vinculadas, no es simplemente un cuerpo, y tampoco es una mente única que piensa por sí sola” (SPEDDING, 2008, p. 99).

andamarquinas dependem umas das outras para existir até corporalmente e, mais ainda, dependem da terra, das águas, dos animais, dos ancestrais, enfim, de uma cadeia de seres complexa; algo que os andamarquinos parecem, de fato, nunca esquecer.

4 DOS EFEITOS DE COMPARTILHAR: A IMPORTÂNCIA DE FAZER JUNTO

O caráter quase festivo do trabalho coletivo em contraste com o caráter trabalhoso da preparação/participação das festas nos leva a dizer que esses são momentos em que a comunidade se (re)faz, constituindo-se propriamente enquanto coletivo. O conjunto de equipes deve trabalhar de forma sincronizada uma vez que o resultado final depende de todos, assim como a sincronia presente nas danças é um aspecto fundamental durante as performances e também para sua apreciação estética. O momento de beber e de comer, bem como o de trabalhar e de dançar são situações em que todos estão compondo seus corpos das mesmas substâncias, as quais são (e devem ser) despendidas coletivamente. Nesse sentido, compartilhar esforços e substâncias em diferentes ocasiões são práticas que fundam relações da pessoa andamarquina com outros, com um coletivo, possibilitando um processo de familiarização entre diferentes seres. No sentido inverso, a recusa sistemática do compartilhamento, seja de esforço, seja de substâncias, é encarada pelos andamarquinos como uma recusa à possibilidade de forjar ditas relações.

Após descrever brevemente festa e *faena*, trata-se de demonstrar o quanto o trabalho coletivo está permeado por elementos festivos, e o quanto as festas estão repletas de etapas que demandam muitos esforços, inclusive dos convidados. Ou, ainda como se pode notar no caso das festividades no campo em torno da sementeira, esses são eventos em que os limites do trabalho e da festa são muito tênues ou nebulosos. Desse modo, foi enfatizada uma forte relação entre trabalho e festa, um imbricamento que salienta sobretudo a dimensão da ação coletiva, do fazer junto. Tal esforço coletivo é algo que está, ao mesmo tempo, relacionado ao *ánimu* de cada um, à força vital (um dos elementos que compõe a pessoa) que cada um põe em movimento e libera através de certas atividades. Assim, o ato de esforçar-se ‘trabalha’ o corpo; é um dos meios de fazer, de modelar o corpo daquele que trabalha e/ou que dança, além de (re)fazer, de (re)constituir também

o próprio coletivo. Ou seja, a constituição dos corpos depende do coletivo, requer sua participação em alguma medida. O trabalho por excelência para os andamarquinos, como foi dito, é aquele que faz o corpo suar, cansar, que requer esforço físico intenso, de tal modo que essa transformação corporal é indicativo, de alguma forma, de que esse corpo se sacrificou, à semelhança do que ocorre nas festas; processos através dos quais o corpo despense parte de sua força vital, de seu *ánimu*. Tal visão associa o corpo a uma transformação como condição necessária para que ele vá sendo forjado; e quando essa transformação se dá a partir do fazer junto, está reforçando uma das dimensões da própria noção de pessoa em Andamarca.

Ademais, é preciso sublinhar que a pessoa, para fazer junto, deve deixar-se levar por um ritmo coletivo, engendrado por todos que participam da atividade. Fazer dessa maneira exige não apenas um alto grau de cooperação, mas também de predisposição física e subjetiva para a realização e criação conjunta, o que contribui para a sincronia. O ritmo é, nesse sentido, um fluxo, e entrar no ritmo é deixar-se levar pelo fluxo das várias ações, ao qual a pessoa não deve expressar resistência, mas deixar-se permear por esses modos coletivos de compartilhar conhecimentos e experiências, aprendendo a moldar-se corporalmente e subjetivamente através das realizações coletivas. Se, em outro momento, afirmei que o princípio da rotação, ou da alternância, é visto como algo extremamente positivo pelos andamarquinos, onde a circularidade predomina sobre a estagnação/retenção, aproximando-se mais a um ideal da dinâmica das coisas no universo andino (CABALLERO, 2013b), agora trato de reforçar que cada participante das atividades coletivas não deve, de forma alguma, resistir aos seus ritmos, mas deixar-se levar por eles; e tampouco deve recusar-se a participar. Atitudes egoístas ou que expressem avidez, ou ambição desmedida, são negativas, como mencionado acima, daí a ênfase em oferecer/aceitar; e, ao contrário, da importância de oferecer parte de si ao compartilhar seu esforço, seja no trabalho ou na dança como forma de se inserir no movimento ideal e desejado, sendo visivelmente uma maneira de se comprometer, de se envolver e de interagir com os outros e uma forma de desprender-se de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Catherine. *La coca sabe: coca e identidad cultural en una comunidad andina*. Cuzco: Centro Bartolomé de las Casas, 2008.

ARCE SOTELO, Manuel. *La danza de tijeras y el violín de Lucanas*. Lima: IFEA/PUC-Instituto de Etnomusicología, 2006.

BELAUNDE, Luisa Elvira. *El recuerdo de Luna. Género, sangre y memoria entre los pueblos amazónicos*. Lima: CAAAP, 2008.

_____. *Viviendo bien: género y fertilidad entre los Airo-Pai de la Amazonía peruana*. Lima: CAAAP/BCRP, 2001.

BUGALLO, Lucila. Flores para el ganado. Una concepción puneña del multiplico (puna de Jujuy, Argentina). In: RIVERA ANDÍA, Juan Javier (ed.). *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá*. Etnografías de lidias, herranzas y arrierías. Aachen: Bonner Amerikanistische Studien, 2014.

CABALLERO, Indira Viana. *Herança Rucana, berço de danzantes, terra de andeneria: trabalho e política em Andamarca*. 2013a. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2013a.

_____. Alimentos, reciprocidades e fluxos: sobre a lógica da alternância nos Andes peruanos. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, SC, v. 15, n. 1, p. 123-48, jan./jun. 2013b.

FLORES, Eugenia. Las artes de leer e interpretar las hojas de coca. *PROA: Revista de Antropología e Arte*, Campinas, SP, n. 6, p. 141-60, 2016.

GOSE, Peter. *Aguas mortíferas y cerros hambrientos*. Ritos agrarios y formación de clases en un pueblo andino. La Paz: Editorial Mamahuaco, 2001.

ISELL, Billie Jean. *Para defendernos: ecología y ritual en un pueblo andino*. Cuzco: Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas, 2005.

KENDALL, Ann; RODRÍGUEZ, Abelardo. *Desarrollo y perspectivas de los sistemas de andenería en los Andes Centrales del Perú*. Cuzco: Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas/Instituto Francés de Estudios Andinos, 2009.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOORE, Melisa. *En la encrucijada: las ciencias sociales y la novela en el Perú*. Lecturas paralelas de todas las sangres. Lima: Fondo Editorial Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2003.

MURGUÍA, Luis. Tauromaquia en el altiplano (Puno). In: RIVERA ANDÍA, Juan Javier (Ed.). *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá*. Etnografías de lidias, herranzas y arrierías. Aachen: Bonner Amerikanistische Studien, 2014.

NASH, June. *We eat the mines and the mines eat us: dependency and exploitation in bolivian tin mines*. New York: Columbia University Press, 1979.

ORTIZ RESCANIÈRE, Alejandro. *La pareja y el mito: estudio sobre las concepciones de la persona y de la pareja en los Andes*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1993.

OSSIO, Juan. Andinidad. *Boletín del Instituto Riva-Agüero*, n. 33, 2006.

_____. *Parentesco, reciprocidad y jerarquía en los Andes*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú/Fondo Editorial, 1992a.

_____. *Los indios del Perú*. Madrid: MAPFRE, 1992b.

OVERING, Joanna. *Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 81-107, abr. 1999.

PALOMINO, Salvador. *El sistema de oposiciones de la comunidad de Sarhua*. Lima: Ed. Pueblo Indio, 1984.

PEÑAFIEL, Adriana Paola Paredes. Relações do alimentar e relações que alimentam: El Tambo e a Mamacocha no norte do Peru. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, RS, v. 3, n. 2, p. 219-41, jul./dez. 2015.

RIVERA ANDÍA, Juan Javier (Ed.). *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá*. Etnografías de lidias, herranzas y arrierías. Aachen: Bonner Amerikanistische Studien, 2014.

SPEEDING, Alison. La persona humana en los Andes. In: SPEEDING, A. *Religión en los Andes*. Extirpación de idolatrías y modernidad de la fe andina. La Paz: ISEAT, 2008.

TAUSSIG, Michael. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

Sobre a autora:

Indira Viana Caballero: Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado e doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima.
E-mail: indiranahomi@yahoo.com.br

Recebido em 28 de julho de 2017

Aprovado para publicação em 17 de outubro de 2017